

O grupo de reflexão como estratégia de promoção de saúde com famílias adotivas

*Lidia Levy**

*Solange Diuana***

*Patrícia Glycerio R. Pinho****

Resumo

Neste trabalho pretendemos apresentar uma experiência de utilização de grupos de reflexão como estratégia para a promoção da saúde das famílias que se constituem pela via da adoção. A Vara da Infância, da Juventude e do Idoso (VIJI) da Comarca do Rio de Janeiro tem oferecido um espaço denominado “Café com Adoção”, no qual a troca de informações e de experiências vem auxiliando diversos sujeitos a trabalhar as fantasias e temores que envolvem a paternidade adotiva. Dúvidas e dificuldades surgidas desde o início do procedimento de habilitação até a chegada do filho e as etapas iniciais da interação com ele são revistas. Destacamos a importância da função de continente que exerce um grupo com as características apresentadas. Nos casos em que os participantes já haviam recebido o certificado de habilitação, mas ainda aguardavam a chegada do filho, o grupo os auxiliou a viver algo equivalente a uma gravidez psíquica, apesar da ausência da gravidez física. Verificamos que os requerentes à adoção e os pais adotivos participantes do grupo formam uma nova rede de apoio que acolhe suas inseguranças e os auxilia a elaborá-las.

Palavras-chave: Adoção, grupos de apoio, família, promoção da saúde.

Reflection groups as a family health promotion strategy

Abstract

In this paper we intend to present an experience of using reflection groups as a health promotion strategy among families constituted through adoption. The Child, Youth and Elderly Welfare Division (VIJI) of the District of Rio de Janeiro has offered a program called “Coffee with Adoption”, in which sharing information and experience has been helping many individuals work out their fantasies and fears involving adoptive parenting. Doubts and difficulties that emerged since the beginning of the habilitation procedure to the arrival of the child, along with early steps of the interaction are then reviewed. We give special importance to the container function that such group accomplishes. Situations in which participants had already received the habilitation certificate, although still awaited the arrival of the child, could profit from the group’s aid and support to regard the situation as an equivalent to a psychic pregnancy, despite the lack of physical pregnancy. We verify that the adoption applicants and the adoptive parents participating in the group formed a new support net, capable of hosting their insecurities and helping in working them out.

Keywords: Adoption, support groups, family, health promotion.

Grupos de reflexión como estrategia de promoción de la salud en familias.

Resumen

En este trabajo pretendemos presentar una experiencia de utilización de grupos de reflexión como estrategia para la promoción de la salud que se constituyen por medio de la adopción. La Jurisdicción de la Niñez, de la Juventud y del Anciano (VIJI) de la Comarca de Rio de Janeiro ha ofrecido un espacio llamado “Café con Adopción”, en el cual el intercambio de informaciones y de experiencias está ayudando diversos sujetos a trabajaren las fantasías y temores involucrados en la paternidad adoptiva. Ahí son revisadas dudas y ansiedades que surgen desde el inicio

* Professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Rua Visconde de Pirajá, 156 sala 506 – Ipanema - Rio de Janeiro – RJ - CEP 22410-003. E-mail: llevy@puc-rio.br

** Coordenadora do Café com Adoção. Av. Sernambetiba, 3600, apt. 1101, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, CEP 2263010 E-mail: sdiuana@uol.com.br

*** Psicóloga da Vara da Infância, da Juventude e do Idoso da Comarca da Capital-RJ. Praça Onze de Junho, 403 sala 211 – Centro - Rio de Janeiro – RJ – CEP 20210-010. E-mail: psicologiaviji@tj.rj.gov.br

del procedimiento de habilitación hasta la llegada del hijo y las etapas iniciales de interacción con él. Destacamos la importancia de la función de *continente* que ejerce un grupo con las características presentadas. En aquellos casos en que los participantes ya habían recibido su certificado de habilitación pero que todavía esperaban la llegada del hijo, el grupo les ayudó a vivir algo equivalente a un embarazo psíquico, a pesar de la ausencia del embarazo físico. Verificamos que los candidatos a la adopción y los padres adoptivos participantes del grupo conforman una nueva red de apoyo que acoge sus inseguridades y les ayuda a resolverlas.

Palabras-clave: Adopción, grupos de apoyo, familia, promoción de la salud.

Um projeto de adoção revela, além do desejo explicitado de ter um filho, motivações inconscientes e receios por parte dos candidatos. Tais mobilizações são reflexos de suas histórias psíquicas, que irão repercutir na relação a ser estabelecida com a criança. Assim como os pais biológicos, também os pais adotivos constroem uma criança imaginária, ideal, que deverá ser confrontada à realidade daquela a ser adotada, principalmente, quando se trata de uma adoção tardia.

Os requerentes em processo de adoção têm necessidade de um tempo equivalente a uma gravidez psíquica, precedendo o encontro com a criança. Quando a decisão de adotar decorre da impossibilidade de gerar, um trabalho de luto precisa ser feito tanto para elaborar a referida impossibilidade, quanto as inquietudes diante do desconhecido, as incertezas e dúvidas sobre a própria capacidade de acolher como filho uma criança, que não foi por eles gerada.

A Vara da Infância, Juventude e do Idoso (VIJI) do Rio de Janeiro tem oferecido um espaço onde a troca de informações e de experiências vem auxiliando diversos sujeitos a lidar com as fantasias e temores que envolvem a paternidade adotiva. Um grupo de reflexão, denominado “Café com Adoção”, foi criado por psicólogas da referida Vara como uma estratégia para a promoção da saúde das famílias que se constituem pela via da adoção, na Comarca da Capital do Rio de Janeiro.

O objetivo do presente estudo é descrever o funcionamento do grupo e destacar as principais contribuições aos que dele participam.

Dois anos antes do início do funcionamento do “Café com Adoção” foi realizada uma pesquisa (Levy, 2001; Levy & Pinho, 2003) que pretendia avaliar a integração da criança à família alguns anos após sua adoção. Os pais que fizeram parte de nossa amostra haviam participado de três encontros em um grupo de caráter informativo, por ocasião da avaliação com o objetivo de habilitação para adoção. Ao serem chamados a colaborar voluntariamente com a pesquisa, para nossa surpresa, mostraram-se extremamente disponíveis e desejosos de retomar o contato com o psicólogo e com ele discutir temas referentes à adoção. Alguns disseram que o grupo

de habilitação foi considerado como um “início de gestação” e relataram ainda manter contato com os demais participantes. Observamos, então, o desejo de voltar à Vara para contar sobre os sucessos obtidos, mostrar fotos, enfim, marcar seu lugar como mãe ou pai e compartilhar suas experiências com aqueles que os acompanharam no início de sua caminhada. A partir daí nasceu a ideia de criar um espaço permanente na própria VIJI. O “Café com Adoção” surge como um grupo aberto, extraprocesual, com encontros mensais e gratuitos dentro de um espaço jurídico.

O grupo acolhe aqueles que já estão convivendo com seus filhos, os que já receberam certificado de habilitação, mas ainda não estão com a criança, os que já estão com a criança, mas aguardam a finalização do processo e, até mesmo, aqueles que estavam aguardando serem chamados para o estudo de habilitação. Estes últimos foram estimulados a participar dos encontros em 2006, quando a existência de uma demora para dar início ao procedimento provocava uma intensa ansiedade nos candidatos. Apostou-se na importância de aproveitar o tempo de espera para oferecer um suporte diante das ansiedades comuns neste período e para realizar uma primeira aproximação dos requerentes com as diferentes questões relacionadas ao tema da adoção.

Podemos destacar três momentos característicos de um procedimento de adoção. Um primeiro momento, anterior à habilitação, atinge todos aqueles que ainda estão realizando o procedimento para obter o certificado que lhes confere a possibilidade de adotar. Estes sujeitos costumam trazer suas dúvidas acerca do projeto de vida que traçaram, acerca do perfil do filho desejado e de sua capacidade de amar uma criança que não geraram. Nos casos de adoção por infertilidade, precisam substituir o “desejo de gerar” pelo “desejo de ser mãe ou pai”. Diante da impossibilidade de gerar, abre-se uma perspectiva ao desejo de criar.

Neste momento, a ênfase dada às características físicas da criança a ser adotada demonstra o desejo de semelhança, visando, por um lado, facilitar sua identificação àquele núcleo familiar, mas, por outro, apontando para a dificuldade de lidar com diferenças, campo fértil para a discriminação e para os preconceitos.

Os adotantes ou os candidatos à adoção justificam o desejo de adotar um bebê pelo receio de se defrontarem com “uma criança difícil”. Na realidade, crianças mais velhas demandam de seus pais adotivos maior disponibilidade afetiva e capacidade de adaptação, pois é comum terem vivido sua infância mais precoce em um meio familiar quase sempre caótico, marcado pela violência e pelo abandono.

Um segundo momento característico de uma etapa de transição é igualmente marcado pela ansiedade, pois, ou os pais já estão de posse do certificado, mas ainda não têm criança indicada ou já estão com uma criança, mas o processo não foi concluído. Quando não há criança indicada, sendo o tempo de espera muito longo, a participação no grupo auxilia na manutenção do investimento no projeto de adoção e leva a questionamentos acerca da modificação do perfil da criança desejada, visando abreviar a espera.

A importância do grupo nesta etapa é reforçada por autores como Golse (2004), que lança a hipótese de que, após atribuído o certificado de habilitação, os candidatos à adoção começam a viver algo equivalente a uma gravidez psíquica, apesar da ausência da gravidez física. O autor considera ser este estado extremamente favorável para o acolhimento da criança que lhe será confiada e postula a necessidade de um trabalho preparatório, principalmente nos casos de adoção tardia.

Ozoux-Teffaine (2004) também valoriza a existência deste espaço intermediário e enfatiza sua função transicional. É um tempo no qual o filho imaginário que os futuros pais adotivos alimentaram durante anos deverá transformar-se para se aproximar gradativamente da criança real que os espera. Tempo que necessita ser respeitado para que a elaboração psíquica possa ser feita. Tempo para falar de suas inquietudes diante do desconhecido e das incertezas quanto a estarem preparados para acolher a criança. Para a autora, a equipe que realiza esta intervenção procura criar uma gestação, precedente ao contato visual, assim como na procriação. Ambos os autores conferem a este tempo de espera o valor de uma gravidez psíquica.

Finalmente, um período pós-adoção, no qual os pais já estão convivendo com a criança e o processo de adoção foi concluído. As ansiedades reveladas pelos participantes do grupo, nesta etapa, concentram-se basicamente no tempo da revelação e no receio diante de marcas que acreditam terem sido deixadas pelos pais biológicos. Entretanto, também vêm ao grupo para falar de seus êxitos, das conquistas realizadas pelo filho, para ajudar aqueles que estão atravessando caminho semelhante e, com isto,

construírem o percurso da parentalidade e da filiação.

Percebemos a importância de oferecer um acompanhamento após a adoção, principalmente em casos de adoções tardias ou em circunstâncias especiais, quando a capacidade da criança de estabelecer vínculos afetivos precisa ser reconstruída. Nem sempre “o amor” surge de imediato, sendo necessário um tempo até que a criança seja internalizada como um filho e os adotantes sejam percebidos como pais. Às vezes, diante de uma realidade que apresenta dificuldades a serem superadas, os pais se fragilizam, perdem a confiança em sua capacidade de apego e de parentalidade. O grupo funciona como um continente para tais ansiedades, auxiliando-os a lidar com as dúvidas que os acometem neste período, tais como: a criança será capaz de investimento afetivo em seus pais adotivos e poderá, igualmente, adotá-los, caso tenha passado seus primeiros anos de vida com os pais biológicos ou institucionalizada? É necessário estar presente desde o início da vida de seu filho para senti-lo como tal?

Alguns temas se repetem nos encontros do grupo e quase sempre revelam uma preocupação com as origens do filho. Surgem questionamentos sobre a herança genética e parece haver um pensamento determinista em relação aos vínculos biológicos, funcionando a serviço do preconceito. A herança biológica é vista como fonte de doenças físicas e mentais. Desse modo, por exemplo, a agressividade da criança adotada é frequentemente atribuída a sua “má índole”. Assim é que o receio de que o filho possa um dia sair em busca de “seus verdadeiros pais”, torna-se fonte de angústia. O fantasma dos genitores atravessa a relação pais-filho e o grupo tem ajudado os pais adotivos a não associarem o desejo do filho de pesquisar sobre suas origens com um fracasso no projeto de adoção. A curiosidade da criança reflete sua tentativa de compreender o porquê de sua história diferente, é um movimento no sentido de reconstruí-la.

A dificuldade de falar sobre a adoção, de escolher o momento adequado para tal, é um tema recorrente. Verificamos um temor de perder espaço para pais biológicos que, mesmo ausentes, ou talvez principalmente porque ausentes, poderiam desalojá-los do lugar que desejavam ter na vida do filho. A insegurança já presente na história pessoal de cada adotante, o desejo de ser amado, o fantasma da rejeição acoplado à imagem dos genitores, interferem na história que começa a ser escrita. Alguns pais expressam no grupo sentimentos de culpa por terem “arrancado” a criança de seus primeiros objetos de apego, ou expressam uma tendência de retratarem a genitora como alguém capaz de abandono, portanto cruel.

Dolto (1989) vê na revelação uma possibilidade de simbolizar o sofrimento reordenando a história, de modo que a criança tenha sua identidade assegurada através de sua origem e possa assumir sua condição de sujeito. A autora é enfática quanto à necessidade de que todos os dados sobre a realidade da criança sejam a ela transmitidos, salientando que, para que a criança possa adotar novos pais, precisa saber que seus pais biológicos estão integrados nela, interiorizá-los e não negá-los. Somente os pais adotivos que conseguem restituir à criança, através de palavras, sua origem biológica, mostram a ela seu lugar simbólico.

O que proporcionará elementos para uma dinâmica familiar mais saudável muito dependerá da posição assumida pelos pais adotivos e seus familiares. Dos pais adotivos é exigido um esforço de adaptação ao receberem uma criança desconhecida, e o desejo de torná-la familiar ao novo contexto. Conhecer as origens da criança e integrá-las ao novo capítulo prestes a ser escrito, compreender seu sofrimento e suas atitudes, surpreender-se com sua capacidade de adaptação e admirar suas conquistas e seu jeito peculiar de ser, são condições para metabolizar os possíveis preconceitos com os quais adotantes e adotivos terão que lidar no convívio social.

Por meio da proposta realizada no “Café com Adoção” os requerentes e os pais adotivos formam uma nova rede de apoio. Os caminhos já percorridos por uns servem de orientação para outros e há uma vibração com as conquistas de cada um. O sucesso de um renova nos demais a esperança.

Considerações finais

Os grupos de reflexão propiciam experiências a partir das quais se desenvolve a capacidade das pessoas de aprenderem umas com as outras. O tema lançado em cada encontro indica preocupações comuns aos componentes do grupo. O trabalho que vem sendo realizado no “Café com Adoção” revelou a importância da função de continente que exerce um grupo com as características apresentadas. Da mesma forma que as crianças necessitam um continente seguro e afetivo que acolha suas inseguranças e lhes ofereça um espaço para a elaboração de perdas e da experiência de abandono, também aqueles que se disponibilizam a formar uma família adotiva precisam sentir-se apoiados e contidos em seus receios e inseguranças. Os participantes valorizam os encontros, sendo possível observar o surgimento e aprofundamento de sentimentos de ajuda recíproca, além do aumento da confiança e do investimento em seu projeto.

Se falar ao outro ajuda na construção de uma gravidez psíquica, o grupo pode funcionar como suporte para as ansiedades características deste tempo de espera. O grupo provoca um reforço na esperança em função da

ressonância ocasionada pelo sucesso obtido na realização do projeto por alguns participantes do grupo.

Certamente, não apenas a participação no grupo, mas também uma rede de apoio social deverá auxiliar no sentido de ratificar a filiação e legitimar o adotante em seus lugares de pai ou mãe. O grupo tem o valor de um suporte, de um local de escuta, onde sentimentos, fantasias, dúvidas e dificuldades surgidas com a chegada do filho e nas etapas iniciais da interação com ele são revistos. Nele, os participantes podem redimensionar o problema que está sendo apresentado.

Não é um grupo terapêutico, entretanto, em vários encontros observamos efeitos terapêuticos nos membros do grupo, ainda que não seja este seu objetivo primeiro. Por um lado, o “Café com Adoção” tem funcionado de forma preventiva, esperando evitar que dificuldades se cristalizem e se tornem entraves na introdução da criança em sua nova família. Por outro lado, as dúvidas dos pais adotivos e os pedidos de esclarecimento feitos aos coordenadores do grupo vêm permitindo organizar um material que pode fundamentar o trabalho realizado na Vara da Infância, da Juventude e do Idoso do Rio de Janeiro. Assim, as contribuições da incorporação da vivência grupal apontam para mudanças significativas na equipe técnica. Isto porque, com o decorrer do tempo, as diversas situações apresentadas pelos participantes foram enriquecendo a compreensão dos técnicos sobre as questões que frequentemente se apresentam e sobre as diferentes possibilidades de intervenção, no sentido de promover a construção de um ambiente saudável para as famílias formadas pela via da adoção.

Referências

- Dolto, F. (1989). *Dialogando sobre crianças e adolescentes*. Campinas: Papirus.
- Golse, B. (2004). Adopter un enfant qui n'est plus un bébé et devenir son parent. Ce que la psychiatrie périnatale nous a appris. In: Ozoux-Teffaina, O. (org.). *Enjeux de l'adoption tardive*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Éres, (pp.63-93).
- Levy, L. (2001). Da Criança Idealizada à Criança Real, In: Féres-Carneiro, T. *Casamento e Família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: Nau, (pp.12-22).
- Levy, L. & PINHO, P. G. (2003) *A adoção em dois tempos*. *Caderno de Estudos e Pesquisas*, ano VII, n. 18, 29- 33.
- Ozoux-Teffaina, O. (2004). De la séparation à la filiation. Du couchant au levant, une nouvelle vie pour l'enfant en adoption tardive. In: Ozoux-Teffaina, O. (org.). *Enjeux de l'adoption tardive*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Éres, (pp. 95-123).

Recebido em 4/03/2010

Aceito para publicação em 14/05/2010